

CATETINHO: UMA OPORTUNIDADE PERDIDA

CATETINHO: A LOST OPPORTUNITY

CATETINHO: UNA OPORTUNIDAD PERDIDA

Submetido em: 03/06/2024

Aceito em: 28/06/2024

Publicado em: 15/07/2024

ANDREY DE ASPIAZU SCHLEE

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG FAU-UnB), aspiazuandrey@gmail.com.

ANA ELISABETE DE ALMEIDA MEDEIROS

Doutora em Sociologia, Arquiteta e Urbanista, professora do PPG FAU-UnB, ana@unb.br.

OSCAR LUÍS FERREIRA

Doutor em Arquitetura e Urbanismo, professor da FAU-UnB, oscar@unb.br.

RESUMO

O artigo busca instigar o leitor a refletir sobre a importância da possibilidade de tombamentos integrais de determinados monumentos modernistas. Ou seja, do seu componente edificado, acrescido do conjunto de bens móveis e integrados que lhe dão “corpo e alma”, pensando que cada elemento tem um valor simbólico. O Catetinho nasce após a necessidade de o Presidente Juscelino Kubitschek visitar e acompanhar as obras da nova capital, Brasília. O edifício surge de forma muito rápida, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, sendo concluído em 1956. O “Palácio das Tábuas”, como era inicialmente chamado, é uma obra que chama atenção por sua simplicidade construtiva, apresentando um inestimável valor histórico e cultural. Do ponto de vista histórico, ele corresponde à primeira residência oficial em Brasília. E, do ponto de vista cultural, o Catetinho é o primeiro risco arquitetônico de Niemeyer no Distrito Federal. Além disso, em função da ambientação, decoração e objetos ainda preservados, é possível compreender os padrões estéticos da época e reconstruir parte da história de cada ambiente do “palácio”. Que objetos são esses que ajudam a resgatar a memória de um passado? De que forma a preservação desses objetos junto ao palácio ajudariam a população a entender a importância do que foi o Catetinho? Para responder essas perguntas o artigo utilizará como fonte de pesquisa a revista Módulo e Manchete, bem como o Inventário do Catetinho promovido pelo Iphan. O artigo se estrutura em Introdução, História e descrição do Catetinho, Musealização do monumento e Conclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural; Catetinho; Bens Integrados.

ABSTRACT

The article seeks to encourage the reader to reflect on the importance of the possibility of full listing of modernist monuments. That is, its built component, plus the set of movable and integrated goods that give "body and soul", thinking that each element has a symbolic value. Catetinho was born after the need for President Juscelino Kubitschek to visit and monitor the works of the new capital, Brasília. The building appears very quickly, designed by architect Oscar Niemeyer, and was completed in 1956. The "Palácio das Tábuas", as it was called, is a work that draws attention for its constructive simplicity, a sector with an inestimable historical and cultural value. From the historical point of view, it corresponds to the first official residence in Brasília. And, from a cultural point of view, Catetinho is Niemeyer's first architectural risk in the Federal District. In addition, due to the setting, decoration and objects still preserved, it is possible to understand the aesthetic standards of the time and reconstruct part of the history of each environment in the "palace". What objects are these that rescue the memory of a past? How would the preservation of these objects next to the palace help to define the importance of what Catetinho was? To answer these questions, the article will use the *Modulo e Manchete* magazine as a research source, as well as the Catetinho Inventory promoted by Iphan. The article will be structured in Introduction, History and description of Catetinho, Musealization of the monument and Conclusion.

KEYWORDS: Cultural Heritage; Catetinho; Integrated Goods.

RESUMEN

El artículo pretende animar al lector a reflexionar sobre la importancia de la posibilidad de catalogar de forma completa determinados monumentos modernistas. Es decir, su componente construido, más el conjunto de bienes muebles e integrados que le dan "cuerpo y alma", pensando que cada elemento tiene un valor simbólico. Catetinho nació de la necesidad del presidente Juscelino Kubitschek de visitar y monitorear las obras de la nueva capital, Brasilia. El edificio surgió muy rápidamente, diseñado por el arquitecto Oscar Niemeyer, y fue terminado en 1956. El "Palácio das Tábuas", como se llamó inicialmente, es una obra que llama la atención por su sencillez constructiva, presentando un valor histórico y cultural invaluable. Desde el punto de vista histórico, corresponde a la primera residencia oficial de Brasilia. Y, desde el punto de vista cultural, Catetinho es el primer proyecto arquitectónico de Niemeyer en el Distrito Federal. Además, gracias al ambiente, la decoración y los objetos aún conservados, es posible comprender los estándares estéticos de la época y reconstruir parte de la historia de cada estancia del "palacio". ¿Qué objetos son estos que ayudan a recuperar la memoria de un pasado? ¿Cómo ayudaría la conservación de estos objetos en el palacio a que la población comprenda la importancia de Catetinho? Para responder a estas preguntas, el artículo utilizará como fuente de investigación la revista *Módulo e Manchete*, así como el *Inventário do Catetinho* promovido por el Iphan. El artículo se estructura en Introducción, Historia y descripción de Catetinho, Museización del monumento y Conclusión.

PALABRAS CLAVES: Patrimonio cultural; Catetinho; Bienes integrado.

INTRODUÇÃO

O presente artigo explora o tema da preservação de um bem arquitetônico moderno, apontando para a necessidade de compreensão e conservação dos respectivos bens móveis e integrados.

O tema foi desenvolvido durante a disciplina “Pensar e Agir Sobre Patrimônio Moderno”¹, no âmbito do PPG FAU-UnB.

Dentre os textos debatidos em aula, o livro *Conservation of Modern Architecture*, de John Allan; e o artigo *Documentação e Patrimônio Edificado Recente*, de Danilo Matoso Macedo, geraram significativas reflexões sobre a importância da preservação integral de determinados bens, incluindo a documentação arquitetônica vinculada à obra.

Em *Conservation of Modern Architecture*, o autor citou, como exemplo paradigmático, as intervenções de conservação realizadas na residência de Erno Goldfinger's em Willow Road, Hampstead; e a *Homewood* de Patrick Gwynnes, perto de Esher, em Surrey, na Inglaterra.

As residências fazem parte do National Trust (Organização dedicada a preservar o patrimônio cultural de uma determinada região geográfica do Reino Unido) e são exemplos de arquitetura. As casas se tornaram patrimônio nacional inglês em 1971 e a questão que chama atenção é que todo o mobiliário desenhado e/ou escolhido pelos arquitetos para compor a ambientação original também foi preservado. Objetos de design podem ser encontrados nos ambientes internos das residências. Paredes de marcenaria e mármore de altíssima qualidade, chaise-longues do designer sueco Bruno Mathsson, a espreguiçadeira Eames, e a cadeira Bauhaus de Marcel Breuer, compõem os ambientes e espaços das moradias preservadas.

Os exemplos acima relatados nos conduziram a refletir sobre o Catetinho, obra de Oscar Niemeyer. Edifício pioneiro no esforço de construção de Brasília. As questões que imediatamente se colocaram foram: (I) Além do edifício em si, quais os bens móveis e integrados existentes no Catetinho nos fazem resgatar a memória de um passado? (II) De que forma a preservação desses objetos, junto ao palácio, ajudariam a população a compreender a importância do que foi o Catetinho? Tais questões nos levaram a estudar sobre o conjunto de bens móveis e integrados do referido monumento.

A consolidação da arquitetura brasileira modernista, especialmente aquela da escola carioca foi, entre outras coisas, marcada pelo esforço da chamada “integração das artes”. Vale lembrar que, pelo menos desde 1934, com *Razões da nova arquitetura*, Lucio Costa defendia uma arquitetura concebida e executada com consciência plástica, que resultaria naturalmente na integração das artes, em contraposição à síntese. Para ele, a síntese subentendia a ideia de fusão (COSTA, 1995). E a fusão, “apesar de possível, e mesmo desejável em circunstâncias muito especiais, não seria o caminho mais seguro e natural para a arquitetura contemporânea, pelo menos nas primeiras etapas, pois tal propósito por prematuro poderia conduzir à decadência precoce” (COSTA, 1995).

Ou seja, a arquitetura “carioca” resultou pensada no sentido de integração e não em síntese. Assim, geralmente, Niemeyer desenvolvia os projetos e convidava outros profissionais e artistas para preencher com arte os seus espaços. Foi o que ocorreu, em escala modesta, com o Catetinho.

Para responder às duas questões acima referidas optamos por utilizar dois tipos de fontes. De um lado recorrer às revistas. Revisando o conteúdo de uma publicação semanal de variedades, a Manchete (com circulação contínua de 1952 a 2000); assim como o de uma revista trimestral especializada em arte e arquitetura, a Módulo (com circulação de 1955 a 1986). Por outro lado, analisamos os três volumes produzidos por encomenda do Iphan e que tratam do inventário do Catetinho (PALAZZO et al, 2017).

HISTÓRIA E DESCRIÇÃO DO MONUMENTO

Com o objetivo de construir a nova capital, teve início um radical processo de ocupação e transformação territorial de parte da região centro-oeste do Brasil. Foi então necessário executar inúmeros edifícios considerados provisórios. Tratava-se de providenciar os espaços necessários para o abrigo e o convívio de número sempre crescente de trabalhadores que migravam para o Distrito Federal. Neste sentido, são conhecidas as histórias dos núcleos populacionais pioneiros, como a da Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante) e a da Candangolândia. Verdadeiros acampamentos de operários, erguidos em curto espaço de tempo, na sua grande maioria, executados com edificações de madeira. O que necessariamente não quer dizer arquitetura sem qualidade. Como exemplar símbolo de tal momento (principalmente de 1957 a 1960), temos o preservado Catetinho.

Figura 1: Local do Catetinho em relação ao Plano Piloto.



Fonte: Google Earth, com edição de Andrey Aspiazu, 2021.

Implantado na fazenda do Gama, a 20 Km do canteiro de obras de Brasília (figura 1), o Catetinho foi erguido para abrigar o presidente Juscelino Kubitschek (JK) em suas visitas oficiais. A edificação foi projetada por Niemeyer, completamente financiada por um grupo de amigos² do presidente, e

levantada em dez dias – entre 22 e 31 de dezembro de 1956. No mesmo ano, a revista Manchete noticiava, em pequena nota sobre Brasília, a inauguração de “uma casa moderna de linhas sóbrias”, destinada a propiciar conforto aos “orientadores” da nova Capital. Logo, o edifício foi apelidado de “Catetinho”, em função do palácio presidencial do Rio de Janeiro ser conhecido como “do Catete” (nome do bairro onde se localiza).

Figura 2: Catetinho na revista Manchete.



Fonte: Revista Manchete, Rio de Janeiro (238), 1956.

Andrey Schlee e Sylvia Ficher, em recente texto sobre a obra de Niemeyer, afirmaram que o Catetinho:

Foi complementado em seguida, por um segundo pavilhão semelhante para hospedagem de seus familiares e convidados. Mesmo tão modesto, não faltou pedigree ao Catetinho, versão povera do Park Hotel (Nova Friburgo, 1944), de Lucio Costa. E nem prole, uma vez que iria servir de verdadeiro molde para o estilo candango que se alastraria por todos os acampamentos que, em breve, seriam improvisados para abrigar operários, técnicos e engenheiros que

começavam a afluir ao imenso canteiro de obras no Planalto Central (SCHLEE e FICHER, 2021, p. 318).

Embora Niemeyer não utilizasse madeira em seus projetos, o “Palácio das tábuas”, como também ficou conhecido, foi todo idealizado com esse material por conta da rapidez que a situação exigia e por se tratar de uma arquitetura de caráter provisório. O monumento segue uma volumetria pavilhonar de dois níveis, ou seja, térreo com pilotis e pavimento principal.

O térreo não possui fechamento ou grandes áreas enclausuradas, criando um ambiente sombreado com uma estrutura de pilotis de madeira. Nesse ambiente eram feitas as refeições e as reuniões de grandes grupos (além de servir como um local de estar). Para acessar o pavimento superior, foi disposta uma escada externa – paralela ao pavilhão – que conecta com a longa varanda-corredor superior.

No pavimento principal foram dispostos, lado a lado, a sala de despachos, quatro suítes, dois quartos de hóspedes, copa e um banheiro compartilhado.

Ainda no térreo, em anexo a edificação, encontra-se a cozinha, a lavanderia e o depósito.

Com a inauguração do Palácio da Alvorada e do Brasília Palace Hotel, em 30 de junho de 1958, o Catetinho acabou ficando sem uso.

Em 21 de julho de 1959, o próprio presidente JK, junto ao Ministro da Educação e da Cultura, Clóvis Salgado, solicitaram ao então diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Iphan), Rodrigo Melo Franco de Andrade, para que o Catetinho fosse tombado.

O pedido foi aceito e a edificação foi inscrita no Livro do Tombo Histórico. De um lado um edifício muito simples, com uma nítida linguagem arquitetônica modernista carioca, assumiu um grande valor simbólico. Por outro lado, no curto tempo em que abrigou o presidente, recebeu inúmeras autoridades e celebridades. O Catetinho hospedou Tom Jobim e Vinicius de Moraes – ambos incumbidos de escrever e musicar aquela que foi batizada de Sinfonia da Alvorada (primeira apresentação em 1966) que ficou no imaginário do Brasil. Na ausência de um poema sinfônico, os dois artistas produziram o clássico da bossa nova, Água de beber (1959) – numa bela referência à nascente de água existente no sítio.

Figura 3: Dois poetas cantam Brasília.



Fonte: Revista Manchete, Rio de Janeiro (440), 1960.

Durante quase quatro anos, foi um local de decisões importantes para o país, além de narrar a história da própria construção de Brasília. O tombamento preventivo do bem, ocorrido rapidamente em 1959, garantiu que a construção não sofresse qualquer alteração de grande porte ou mesmo demolição (como ocorreu com o segundo pavilhão erguido, o "Catetão"), embora tenha sido objeto de algumas alterações irregulares ao longo dos anos. (FRANCISCO, 2011).

MUSEALIZAÇÃO DO MONUMENTO

Entendendo a musealização como o processo que "...muda algo no sentido simbólico. É recolocar, ou dispor para revalorizar. Reordenar, sem a perda de sentidos, mas visando a aquisição de informação ou a sua potencialidade" (BRULON, 2021). É possível afirmar que o Catetinho começou a ser transformado em museu no ano de 1972, quando foram realizadas algumas intervenções no entorno da edificação, para que se adequasse ao novo programa.

Primeiramente, foi executada nova edificação com função administrativa e de residência do zelador. Entre o Catetinho e a nascente foi construído um outro pavilhão destinado a lanchonete, sanitários, depósito e exposições temporárias. E, em frente ao Catetinho, foi delimitado um estacionamento que dá acesso ao local.

Para contar a história do monumento, o mobiliário original do Palácio foi, em parte, preservado, ambientando alguns dos seus espaços. Entre eles, os

principais são a cozinha, a sala de despacho e o quarto de JK. No entanto, nem todos os objetos atualmente expostos são originais.

A cozinha da casa é rústica e tipicamente mineira, o que mais chama atenção é o fogão à lenha tradicional. Nesse ambiente, bastante simples, pode-se observar alguns utensílios de cozinha, como panelas, pratos, xícaras, complementados com “alimentos” cenográficos. O conjunto de pratos e bandejas de prata não são originais do Catetinho, todos vieram do Brasília Palace Hotel, para fazer a ambientação.

Subindo as escadas, em frente à escada fica a sala de despacho. Era nesse local que JK trabalhava. Diferentemente dos outros ambientes, a sala apresentava aspecto mais sofisticado, com alguns móveis de design e obras de arte. Entre eles, móveis de autoria de Carlo Hauner e Martin Eisler (bufê em madeira com pé palito, a poltrona de estrutura de madeira Costela, e a poltrona Circa amarela). Complementava o espaço, a mesa de jantar e as cadeiras de pé palito de Joaquim Tenreiro, a pintura abstrata de Firmino Saldanha, e a poltrona verde Womb de Eero Saarinen.

O quarto de JK representava muito sua personalidade, era simples, com poucos objetos. Uma cama de casal de madeira e dois bidês de apoio. Outro item interessante, atualmente exposto no museu, é o pijama rosa-choque, que ninguém tinha coragem de usar por ser uma população muito machista (FRANCISCO, s.d.).

Segundo a museóloga Lygia Martins Costa, uma das pioneiras na criação da metodologia de inventários no Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o termo “bens integrados” aplica-se a:

Tudo que fixado na arquitetura integre o monumento, sem que possa ser retirado sem danos ao imóvel ou criando lacuna. Dessa categoria participa toda a decoração interna das casas, fortes, palácios, museus, igrejas e conventos (IPHAN, 2017, p.39).

Não há dúvida que o Catetinho apresenta um acervo de bens integrados que foram sendo adquiridos desde que o atual museu funcionava como residência. Muitos desses objetos têm procedência e data de incorporação incerta, e outros foram colocados no museu com finalidade cenográfica e/ou educativa. Conforme o Inventário do Catetinho (PALAZZO et al, 2017), foram identificados apenas três registros históricos diretamente relacionados com os bens pertencentes ao palácio.

O primeiro foi em 6 de julho 1976, quando a residência, até então da Novacap - Companhia Urbanizadora do Distrito Federal, passou a ser do Governo do Distrito Federal. Na oportunidade, foi elaborada uma lista com a indicação de 49 bens móveis, incluindo algumas mobílias da sala de despacho. Essa lista foi feita de forma muito simples, o que dificulta a sua identificação e se distingue das imagens existentes da época (PALAZZO et al, 2017).

O segundo registro produzido foi um levantamento patrimonial elaborado entre os anos de 1998 e 1999, período em que o museu recebeu diversos objetos da época, como antigos pertences do Brasília Palace Hotel, e itens do Museu da Memória Candanga, entre outros. Esses bens foram colocados em exposição,

no sentido de criar determinadas ambiências nos espaços do monumento.

A terceira lista do acervo foi feita em 2011, quando decidido que o museu teria que passar por uma intervenção de reforma. Corresponde à listagem mais completa feita do edifício até hoje. Foram então levantados 7 arquivos eletrônicos de processamento de texto e 245 fotografias de objetos individuais, que pertencem ao arquivo digital da Supac – Subsecretaria do Patrimônio Cultural. Por mais completo que seja este levantamento, fica claro que ele foi feito às pressas, e com a finalidade de apenas evitar o extravio dos objetos durante a obra (PALAZZO et al, 2017).

Entre os muitos objetos encontrados no Palácio, somente alguns podem ser identificados nas fotografias da época. São eles:

Objeto:	Imagem da Época:
<p>Figura 5: Pintura abstrata de Firmino Saldanha.</p>  <p>Fonte: Andrey Aspiazu, 2021.</p>	<p>Figura 6: Israel Pinheiro, JK e Dilermando Reis na sala de despacho do Catetinho, 1956.</p>  <p>Fonte: Supac.</p>
<p>Figura 7: Cadeira de pé palito do designer Joaquim Tenreiro.</p>  <p>Fonte: Andrey Aspiazu, 2021.</p>	<p>Figura 8: Mesa e cadeiras em pé palito do artista Joaquim Tenreiro, 1978.</p>  <p>Fonte: Supac.</p>

Figura 9: Bufê em madeira com pé palito de Carlo Hauner.



Fonte: Andrey Aspiazu, 2021.

Figura 11: Porta retrato em madeira de foto de JK



Fonte: Andrey Aspiazu, 2021

Figura 13: Poltrona Costela amarela por Carlo Hauner e Martin Eisler para Forma.



Fonte: Andrey Aspiazu, 2021.

Figura 10: Móveis da sala de despacho, 1978. O bufê pode ser visto à direita.



Fonte: Supac.

Figura 12: Israel Pinheiro, JK e Dilermando Reis na sala de despacho do Catetinho, 1956. O porta retrato pode ser visto em cima da mesa à esquerda.



Fonte: Supac.

Figura 14: Da esquerda para direita: Poltrona Costela e Poltrona Womb, 1978.



Fonte: Supac.

Figura 15: Poltrona Womb verde musgo por Eero Saarinen.



Fonte: Andrey Aspiazu, 2021.

Figura 16: Da esquerda para direita: Poltrona Costela e Poltrona Womb, 1978.



Fonte: Supac.

É possível notar que somente três objetos aparecem nas fotos de 1956, ou seja, que são originais e que realmente estavam no Palácio próximo a data de tombamento, em 1959. São eles: (I) o quadro de Firmino Saldanha, (II) o porta retrato com a foto de JK, e (III) as cadeiras e mesa de madeira de Joaquim Tenreiro.

Em 1976 quando o museu passou a ser do Governo do Distrito Federal, surgiram novas fotos (1978) internas do Catetinho. Nele podemos perceber móveis que, até então, não haviam aparecido nas imagens antigas. São eles: (I) a poltrona Womb, (II) a poltrona Costela, (III) a poltrona Circa, (IV) o bufê em madeira, (V) o sofá vermelho, (VI) a mesa de centro em madeira, (VIII) os vasos, (IX) o ventilador, (X) o relógio, (XI) o cinzeiro e (XII) o tapete de couro de boi.

Em pesquisa realizada junto a hemeroteca da Biblioteca Nacional/RJ, especialmente nas coleções das revistas Manchete e Módulo, identificamos pouquíssimas referências ao Catetinho. Mas, entre elas, uma despertou nossa atenção. Trata-se de reportagem da Módulo que afirma: "Em 1957, Oscar Niemeyer (selecionado para a construção dos principais prédios de Brasília mesmo antes do concurso do Plano Piloto) convidou Sérgio Rodrigues para mobiliar o Catetinho" (CALHEIROS, 2014), então não surpreende que seu nome tenha sido lembrado mais uma vez para equipar outros edifícios como o Ministério das Relações Exteriores da nova capital, além, evidentemente, da UnB¹³ (grifo nosso).

Figura 17: Sala de Despacho e mobiliário interno.



Fonte: Andrey Aspiazu, 2021.

Portanto pode-se perceber que não há uma relação direta entre o mobiliário projetado por Sérgio Rodrigues e a ambientação existente no monumento. Por outro lado, ainda consultando a Módulo, foi possível constatar que: “Móveis tão originais quanto essa poltrona mole estão (sic) presentes também no Catetinho...”⁴ (grifo nosso). Ou seja, existe a informação de que o designer foi convidado para mobiliar a residência provisória, mas nada dele (inclusive uma cadeira mole) foi registrado em nenhum dos levantamentos realizados.

CONCLUSÃO

O Catetinho foi tombado com a finalidade de preservar o valor histórico conferido à primeira casa do Presidente JK em Brasília. Mas, naquele momento de 1959, os bens integrados não foram considerados (ou mesmo valorizados⁵). Houve, portanto, um certo esquecimento dos bens que compunham a decoração interna da residência provisória. Tais bens só passaram a ganhar importância quando, já na década de 1970, o Catetinho foi ressignificado e reciclado para museu. A partir de então, outros objetos foram incorporados aos espaços musealizados, na sua maioria da década de 1960, e que ajudam a contar ou narrar a história da construção de Brasília e a história das pessoas que passaram pela residência. A maior parte do acervo original do Catetinho nunca mais foi encontrado, provavelmente deve ter sido furtado.

Atualmente, podemos dividir os objetos do palácio em três grupos. O de 1956, que compreende os objetos da ocupação inicial da residência e que possuem vínculo direto com os primeiros ocupantes. O de 1978, com os bens que vieram do Brasília Palace Hotel, do Museu Vivo da Memória Candanga e de pioneiros de Brasília (doações), que adicionam valor cultural articulado com a história do

palácio (PALAZZO et al, 2017).

E, por fim, os demais bens que são empregados com a intenção de fazer uma ambiência da década de 1950. São utilizados itens antigos ou recentes, mas que não são próprios do palácio, embora legítimos no reforço de uma narrativa. Embora esses objetos não sejam os originais, é perceptível que da mesma forma não recebem manutenção, ou seja não existe um projeto de conservação para eles.

Hoje o Catetinho é o sétimo museu mais visitado de Brasília e, talvez, se tivesse preservado (como o exemplo da casa Homewood), o seu acervo original, poderia chamar mais interesse de visitantes, arquitetos e designers, ampliando a sua proposta de reforço à memória. Afinal o palácio chamava atenção por ter surgido no "meio do nada", em terras pouco exploradas e se tornou um ícone por meio de suas características da arquitetura moderna carioca e seu interior com seu pequeno tesouro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRULON, Bruno. **Passagens da museologia: a musealização como caminho**. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/722>>. Acesso em: 13/05/2021.

CALHEIROS, Alex et al. **Mobiliário Moderno: das pequenas fábricas ao projeto da UnB**. Brasília: UnB, 2014.

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Companhia das Artes, 1995.

FRANCISCO, Severino. **Catetinho, palácio de tábuas**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2011.

IPHAN. **Intervenções em bens culturais móveis e integrados à arquitetura**. Brasília: Iphan, 2019.

IPHAN. **Política do patrimônio cultural material**. Brasília: Iphan, 2018.

MACEDO, Danilo Matoso. **Documentação e patrimônio edificado recente**. 1º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/343542145_Documentacao_e_patrimonio_edificado_recente. Acesso em: 24/06/2024.

MANCHETE. Rio de Janeiro, nº 238, 1956.

MANCHETE. Rio de Janeiro, nº 440, 1960.

MÓDULO. Rio de Janeiro, nº 29, 1962. p.29.

PALAZZO, Pedro Paulo et al. **Inventário do Catetinho**. Brasília: Ábaco/Iphan, 2017.

PEIXOTO, Marta. **A sala bem temperada. Interior moderno e sensibilidade eclética**. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS). Porto Alegre: 2006.

PRATES, Cesar. **Do catetinho ao Alvorada**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.

ROSSETTI, Eduardo. **Arquiteturas de Brasília**. Brasília: iITS, 2012.

SCHLLE, A; FICHER, S. **O arquiteto Oscar Niemeyer**. São Paulo: Ed. Brasileira, 2021.

WALESH, Egon. Disponível em: < <http://egondesign.co.uk/my-dream-home/>>. Acesso em: 12/04/2021.

NOTAS

¹ Disciplina ministrada pelos professores Ana Elisabete Medeiros e Oscar Ferreira em 02/2020.

² João Milton Prates, César Prates, Dilermando Reis, Emílio Rocha, Juca Chaves, Roberto Penna e Oscar Niemeyer.

³ Mobiliário Moderno: das pequenas fábricas ao projeto da UnB.

⁴ Revista Módulo, Rio de Janeiro, nº 29, 1962. p.29.

⁵ No processo de tombamento não há referência ao mobiliário.